



Editorial

A Revista Científica da UEM publica o seu novo número da Série Letras e Ciências Sociais, cuja tónica está na reflexão sobre a política linguística, sobre o ensino das línguas até às questões fenomenológicas, vividas ou experimentadas, especialmente no quotidiano dos hospitais do país.

Constituem o presente número desta Revista Científica da UEM os seguintes trabalhos:

Política linguística e exclusão no contexto forense: o caso de Moçambique, segundo o qual

os problemas decorrentes da ausência de uma definição clara de uma política linguística inclusiva em Moçambique tem sido um dos principais motivos de exclusão, neste caso do domínio da justiça. Assim sendo, afirma o estudo, Moçambique deve aprovar uma política linguística que possa permitir que qualquer cidadão possa responder perante a justiça, na língua que melhor domina. Isto evitaria situações em que muitas pessoas se veem excluídas do sistema judicial e ficam em apuros quando procuram defender os seus direitos.

O artigo “do paradigma da comunicação ao paradigma da acção”, cujo mote é era saber se o paradigma da acção favorece a aprendizagem da compreensão e produção da escrita num contexto de ensino e aprendizagem da língua francesa de relações internacionais e diplomacia. Como resultado, verificou-se que o paradigma comunicativo favorece o ensino da compreensão da escrita para fins específicos, enquanto que o paradigma da acção favorece o ensino da produção da escrita para fins específicos.

A partir de um estudo nas cidades da Beira e de Mueda, o artigo “Informalidade e a recomposição do Estado”, demonstra-se que a natureza da relação entre a administração municipal e os vendedores informais, em última instância reforça a presença do Estado via táticas de sobrevivência quotidiana das populações. Ou seja, o tratamento da informalidade traduz-se numa nova modalidade de exercício de poder, não mais definido de imposição de actos administrativos unilaterais, mas através de dispositivos subtis (como a política de combate à pobreza urbana) de identificação de potencial no cidadão, colocando-o simultaneamente em colaboração com as instâncias públicas e privadas.

Na perspectiva puramente fenomenológica, do estudo sobre as “Relações de poder e experiências de violência nos serviços de parto na cidade de Maputo” vem à luz a análise das experiências de mulheres em relação ao parto, análise esta que mostra como as práticas biomédicas nos serviços de parto intercetam as questões de violência, as hierarquias entre mulheres profissionais e utentes e as diversas formas de agenciamento dos corpos femininos, onde a maternidade revela-se como um espaço de regulação biomédica e controlo emocional das parturientes, havendo, assim, a necessidade de as políticas governamentais terem por base a compreensão das relações de poder existentes nesses serviços. Por sua vez, o artigo sobre a “hemodiálise e (re) conceptualização do corpo” buscou compreender como a hemodiálise, enquanto tecnologia biomédica, se relaciona com os processos de experiência vivida de pessoas com doença renal crónica e como isso altera a relações com o discurso e a subjectividade sobrejacente à percepção do corpo; hibridismo este que que desestabiliza noções de corpo, de corpo íntegro, de normalidade e moralidade.

Ainda nesta perspectiva fenomenológica, o trabalho sobre “Vulnerabilidade e impacto do adoecimento” reflecte sobre os impactos do adoecimento no contexto da Fístula Obstétrica em Moçambique, na qual os sentidos e as estratégias construídas para enfrentar os inúmeros obstáculos são trazidas ao de cima. Estigma, risco, incerteza, vergonha e maternidade estão presentes não só na fala, mas na vida dos que enfermam deste mal. Assim, há mostra-se pertinente visualizar estas mulheres como constructo do ambiente onde transcorre sua existência. Para o estudo, uma abordagem etnográfica que leve a sério as especificidades destas questões pode contribuir para a maneira de pensar a saúde e a doença em Moçambique.

Ao finalizar esta nota agradecemos a todos os revisores cujo trabalho foi muito importante para a compor o presente número e espera-se que os temas apresentados, muitos dos quais circunscrevem-se ao nosso contexto, mereçam atenção dos leitores.

Atenciosamente,

A Coordenadora deste número,

Esmeralda Mariano

Os Editores,

Aidate Mussagy
Manuel Mangue